



## CAPÍTULO 3

# COMO A ALMA HUMANA CONHECE A SI MESMA SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

André Ricardo Randazzo Gomes

### INTRODUÇÃO

Neste capítulo, estudarei alguns textos do Tratado Sobre o Homem, que se encontram na Primeira Parte da *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, na questão 87<sup>1</sup>. Nessa questão, Tomás pretende esclarecer como a alma humana conhece a si mesma e o que está nela. Assim, Tomás estabelece que: a alma intelectiva não conhece a si mesma pela sua essência (artigo 1), o nosso intelecto não conhece os hábitos da alma pela essência deles (artigo 2), o intelecto conhece o seu próprio ato (artigo 3), e o intelecto entende o ato da vontade (artigo 4). Dividirei os textos em várias partes. Assim, quando se apresentar um texto de Tomás, iniciarei com a marcação: “[**Texto**]”, e quando se apresentar o meu respectivo comentário, iniciarei com a marcação: “[**Comentário**]”. Ao final, indicarei algumas referências bibliográficas que poderão ajudar a entender o assunto deste capítulo. Agora, podemos começar.

### COMO A ALMA HUMANA CONHECE A SI MESMA

O artigo 1 da questão 87 pergunta: a alma intelectiva conhece a si mesma por sua essência?

[**Texto**] *Em sentido contrário* está que se diz no livro III *Sobre a alma* que “o intelecto entende a si mesmo assim como os demais”. Ora, não entende os demais pelas essências deles, mas pelas semelhanças deles. Logo, também não se entende por sua essência.

[**Texto**] *Em resposta* cumpre dizer que tudo é cognoscível na medida em que está em ato e não na medida em que está em potência, como se diz no livro IX da *Metafísica*; com efeito, algo é ente e verdadeiro, que cai sob o conhecimento, assim

<sup>1</sup> Usarei os textos em português da seguinte edição dessa obra: AQUINO, Tomás de. *Suma de Teologia: Primeira Parte, Questões 84-89*. Tradução e introdução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlândia: Edufu, 2016. No entanto, não tratarei das objeções que surgem em cada artigo, exceto no artigo 3.

como está em ato. De fato, isto aparece de maneira manifesta nas coisas sensíveis; com efeito, a vista não percebe o colorido em potência, mas apenas o colorido em ato. Semelhantemente, é manifesto que o intelecto, na medida em que é cognoscitivo das coisas materiais, não conhece senão o que está em ato; vem daí que não conhece a matéria prima, senão de acordo com sua proporção para com a forma, como se diz no livro I da *Física*. Donde, também nas substâncias imateriais, na medida em que cada uma delas está para o ser em ato por sua essência, na mesma medida está para o ser inteligível por sua essência.

**Comentário:** todas as coisas cognoscíveis são cognoscíveis apenas na medida em que estão em ato e não na medida em que estão em potência. Por exemplo, nas coisas sensíveis, a vista só percebe o que é dotado de cor em ato e não o que é dotado de cor em potência. Quanto ao conhecimento que o intelecto humano pode ter das coisas materiais, ele só conhece o que está em ato, e por isso só pode conhecer a matéria prima de acordo com a proporção que ela tem para com a forma. As substâncias imateriais só são inteligíveis por sua essência na medida em que cada uma delas está em ato por sua essência.

[**Texto**] Portanto, a essência de Deus, que é ato puro e perfeito, é simples e perfeitamente inteligível de acordo consigo mesma. Donde, Deus inteligir por sua essência, não apenas a si mesmo, mas também tudo. A essência do anjo, porém, está no gênero dos inteligíveis como ato, não porém, como ato puro e completo. Donde, o seu inteligir não se completar por sua essência; com efeito, embora o anjo se entenda por sua essência, não pode conhecer tudo por sua essência, mas conhece o que é distinto de si pelas semelhanças deles. O intelecto humano, no entanto, porta-se no gênero das coisas inteligíveis como um ente apenas em potência, assim como também a matéria prima se porta no gênero das coisas sensíveis; donde ser chamado de “possível”. Assim, pois, considerado em sua essência, porta-se como inteligente em potência. Donde, por si mesmo, ter a capacidade de inteligir, mas não a de ser inteligido, a não ser na medida em que torna-se em ato. Deste modo, com efeito, também os platônicos colocaram a ordem dos entes inteligíveis acima da ordem dos intelectos; pois, o intelecto não entende senão por participação do inteligível; ora, de acordo com eles, o participante está abaixo do participado.

**Comentário:** como a essência de Deus é ato puro, perfeito e simples, ela é perfeitamente inteligível, e assim Deus entende, por sua essência, a si mesmo e todas as coisas. A essência do anjo é inteligível em ato, mas não é ato puro e completo. Por isso, o anjo pode entender a si mesmo por sua essência, mas não pode entender por sua essência todas as outras coisas. Pode conhecê-las pelas semelhanças delas. O intelecto humano é inteligível apenas em potência, e por isso é chamado de “possível”, assim como a matéria prima existe em potência nas coisas sensíveis. Este intelecto só pode ser inteligido na medida em que passa ao ato. Os platônicos consideram que o intelecto só pode entender através da participação nos entes inteligíveis que se situam acima do intelecto.

[**Texto**] Se, pois, o intelecto humano se tornasse em ato pela participação das formas inteligíveis separadas, como sustentaram os platônicos, o intelecto humano inteligiria a si mesmo por tal participação das coisas incorpóreas. Mas, como é conatural ao nosso intelecto, de acordo com o estado da vida presente, que diga respeito ao que é material e sensível, como foi dito acima [Q. 84, a. 7], segue-se que o nosso intelecto entende a si mesmo do modo como torna-se em ato pelas espécies abstraídas dos sensíveis pela luz do intelecto agente, que é o ato dos próprios inteligíveis, e mediante estes, do intelecto possível. Portanto, o nosso intelecto se conhece, não pela sua essência, mas pelo seu ato.

**Comentário:** se os platônicos estivessem certos, o intelecto humano passaria ao ato pela participação nas formas inteligíveis separadas, e então ele inteligiria a si mesmo por meio de tal participação nas coisas incorpóreas. No entanto, no estado da vida presente, o objeto natural do nosso intelecto são as coisas materiais e sensíveis. Por isso, o nosso intelecto entende a si mesmo da mesma maneira pela qual ele passa ao ato quando as espécies são abstraídas das coisas sensíveis pela luz do intelecto agente, pois essa passagem para o ato é própria das coisas inteligíveis e do intelecto possível. Assim, o nosso intelecto não se conhece a si mesmo pela sua essência, mas pelo seu ato.

[**Texto**] Isto de um duplo modo. De um primeiro modo, de maneira particular, na medida em que Sócrates ou Platão percebe ter uma alma intelectiva pelo fato de que percebe que entende. De outro modo, em universal, na medida em que consideramos a natureza da mente humana a partir do ato do intelecto. Ora, é verdade que o juízo e a eficácia deste conhecimento pelo qual conhecemos a natureza da alma, nos cabe de acordo com a derivação da luz de nosso intelecto da verdade divina, na qual estão contidas as noções de todas as coisas, como foi dito acima [Q. 84, a. 5]. Onde, Agostinho também dizer no livro IX *Sobre a Trindade*: “contemplamos a verdade inviolável, a partir da qual, o quanto podemos, definimos perfeitamente, não como é a mente de cada ente humano, mas como deve ser de acordo com as noções eternas”. Há, porém, uma diferença entre estes dois conhecimentos. Pois, para haver o primeiro conhecimento da mente, basta a própria presença da mente, que é o princípio do ato a partir do qual a mente percebe a si mesma. Assim, se diz que se conhece pela sua presença. Mas, para que haja o segundo conhecimento da mente, não basta sua presença, mas requer-se uma pesquisa diligente e sutil. Onde, tanto muitos ignorarem a natureza da alma, quanto muitos terem também errado acerca da natureza da alma. Por isso, Agostinho diz no livro X *Sobre a Trindade* acerca de tal pesquisa sobre a mente: “a mente não procure se cernir como ausente, mas discernir o que está presente”, isto é, conhecer sua diferença das demais coisas, o que é conhecer sua quiddidade e natureza.

**Comentário:** é de duas maneiras que o nosso intelecto se conhece a si mesmo. Na primeira maneira, é de modo particular, quando, por exemplo, Sócrates percebe que tem uma alma intelectiva ao perceber que entende. Na segunda maneira, é de modo universal, quando consideramos a natureza da mente humana a partir do ato do intelecto. O juízo e a eficácia desta consideração são obtidos a partir da luz do nosso intelecto que vem da verdade divina. Na primeira maneira, para que haja o conhecimento da mente, basta a mera presença da mente, pois assim a mente se conhece a si mesma pela sua própria presença. Porém, na segunda maneira, não basta tal presença, mas requer-se uma pesquisa diligente e sutil. Por isso é que muitos ignoram a natureza da alma e muitos erraram a respeito de tal natureza, que é diferente da natureza das demais coisas.

O artigo 2 da questão 87 pergunta: o nosso intelecto conhece os hábitos da alma pela essência destes?

[**Texto**] *Em sentido contrário*, os hábitos são os princípios dos atos assim como também as potências. Ora, como se diz no livro II *Sobre a alma*, “os atos e as operações são anteriores às potências de acordo com a noção”. Logo, pela mesma razão, são anteriores aos hábitos. Deste modo, os hábitos são conhecidos pelos atos, como também as potências.

[**Texto**] *Em resposta* cumpre dizer que o hábito é de um certo modo intermediário entre a pura potência e o ato puro. Ora, já foi dito [a. 1] que nada é conhecido senão na medida em que é em ato. Assim, portanto, na medida em que o hábito é desprovido do ato perfeito, é desprovido disto, de modo a não ser cognoscível por si mesmo, mas é necessário que seja conhecido pelo seu ato; quer enquanto alguém percebe que tem o hábito, pelo fato de que percebe que produz o ato próprio do hábito; quer enquanto alguém pesquisa a natureza e a noção do hábito pela consideração do ato. De fato, o primeiro conhecimento do hábito se dá pela própria presença do hábito, pois, pelo fato mesmo de estar presente, causa o ato, no que é imediatamente percebido. Mas o segundo conhecimento do hábito se dá por uma pesquisa cuidadosa, como foi dito acima sobre a mente [a. 1].

**Comentário:** o hábito é de certo modo algo intermediário entre a pura potência e o puro ato. Qualquer coisa só pode ser conhecida na medida em que está em ato. Portanto, enquanto o hábito não tem um ato perfeito, ele não é cognoscível por si mesmo. Há duas maneiras de conhecer o hábito. A primeira maneira é quando alguém percebe que produz o ato próprio do hábito. Esse conhecimento se dá pela mera presença do hábito, pois, pelo simples fato de estar presente, ele causa o ato, e por isso é percebido. A segunda maneira é através de uma pesquisa cuidadosa.

O artigo 3 da questão 87 pergunta: o intelecto conhece o próprio ato?

[**Texto**] *Em sentido contrário* está que Agostinho diz no livro X *Sobre a Trindade*: “Intelijo que intelijo”.

[**Texto**] *Em resposta* cumpre dizer que, como já foi dito [a. 1 e 2], tudo é conhecido na medida em que é em ato. Ora, a perfeição última do intelecto é sua operação. Com efeito, não se trata como que de uma ação tendente a outro, que é a perfeição do que é operado, como a edificação, do edificado, mas permanece no operante como perfeição e ato dele, como se diz no livro IX da *Metafísica*. Portanto, isto é o que primeiro se entende do intelecto, isto é, o seu próprio inteligir.

**Comentário:** qualquer coisa só é conhecida na medida em que está em ato. Mas a perfeição última do intelecto é a sua operação. A operação do intelecto não tende a outra coisa externa, mas permanece nele mesmo como perfeição e ato dele. Portanto, a primeira coisa que se entende do intelecto é o seu próprio ato de inteligir.

[**Texto**] Mas, acerca disto, os diferentes intelectos portam-se diferentemente. Há, com efeito, algum intelecto, a saber, o divino, que é o seu próprio inteligir. Assim, em Deus, é o mesmo, que entenda que entende e que entenda sua essência, pois sua essência é seu inteligir. Há, porém, outro intelecto, a saber, o angélico, que não é o seu inteligir, como foi dito acima [Q. 79, a. 1], mas apesar disso o primeiro objeto do seu inteligir é sua essência. Onde, embora no anjo seja distinto, de acordo com a noção, que ele entenda que entende e que ele entenda sua essência, entende a ambos simultaneamente e por um só ato; pois, o fato de inteligir sua essência é a perfeição própria de sua essência; ora, uma coisa é entendida simultaneamente e por um só ato com sua perfeição. Há ainda outro intelecto, a saber, o humano, que nem é o seu inteligir, nem sua própria essência é o objeto primeiro do seu inteligir, mas algo extrínseco, isto é, a natureza da coisa material. Por isso, o que é conhecido primeiro pelo intelecto humano é tal objeto; em segundo lugar é conhecido o próprio ato pelo qual o objeto é conhecido e, pelo ato, é conhecido o próprio intelecto do qual o próprio inteligir é a perfeição. Por isso, o Filósofo diz que os objetos são conhecidos antes dos atos e os atos antes das potências.

**Comentário:** há diferentes tipos de intelecção do intelecto sobre si mesmo, na medida em que há diferentes tipos de intelecto. Em Deus, ser e inteligir são a mesma coisa, e inteligir que entende e inteligir a sua própria essência são a mesma coisa, pois a sua essência é o seu inteligir. No anjo, ser e inteligir não são a mesma coisa, mas o primeiro objeto do seu inteligir é a sua essência. No anjo, inteligir que entende e inteligir a sua essência são distintos segundo uma distinção de razão, mas essas duas operações são um só ato. No ser humano, o primeiro objeto do seu inteligir não é nem o seu próprio ato de inteligir e nem a sua própria essência, mas sim a natureza de uma coisa material, que é algo extrínseco. Assim, o intelecto humano conhece primeiro a natureza de uma coisa material, só depois conhece o ato pelo qual aquele objeto é conhecido, e só depois conhece a si mesmo, isto é, o próprio intelecto cuja perfeição é inteligir o seu próprio ato.

[**Texto**] Primeira objeção. Com efeito, é propriamente conhecido aquilo que é objeto da capacidade cognoscitiva. Ora, o ato é distinto do objeto. Logo, o intelecto não conhece seu ato.

[**Texto**] Ao primeiro argumento, portanto, cumpre dizer que o objeto do intelecto é algo comum, a saber, o ente e o verdadeiro sob o qual está compreendido também o próprio ato de entender. Donde, o intelecto pode entender seu ato. Mas, não em primeiro lugar; pois, nem sequer o primeiro objeto do nosso intelecto, de acordo com o presente estado, é qualquer ente e verdadeiro, mas o ente e o verdadeiro considerado nas coisas materiais, como foi dito [Q. 84, a. 7], a partir das quais chega ao conhecimento de todos os demais.

**Comentário:** a objeção diz que o intelecto não conhece o seu próprio ato de entender, pois o que o intelecto conhece é apenas o seu objeto próprio, e o objeto não é a mesma coisa que o ato. Em resposta, deve-se dizer que o intelecto pode conhecer o seu próprio ato de entender, porque o objeto próprio do intelecto é o ente (e o verdadeiro), e este objeto abrange o próprio ato de entender. No entanto, no estado da vida presente, o ente (e o verdadeiro) não é o primeiro objeto do nosso intelecto, pois o primeiro objeto é o ente (e o verdadeiro) considerado nas coisas materiais. É a partir deste objeto que o intelecto conhece todas as outras coisas.

O artigo 4 da questão 87 pergunta: o intelecto entende o ato da vontade?

[**Texto**] *Em sentido contrário* está que Agostinho diz no livro *X Sobre a Trindade*: “Entendo que quero”.

[**Texto**] *Em resposta* cumpre dizer que, assim como foi dito acima [Q. 59, a. 1], o ato da vontade nada mais é que uma certa inclinação que se segue à forma entendida, assim como o apetite natural é uma inclinação que se segue à forma natural. Ora, a inclinação de qualquer coisa está na própria coisa ao modo dela. Donde, a inclinação natural estar naturalmente na coisa natural e a inclinação que é o apetite sensível estar sensivelmente no sensível e igualmente a inclinação inteligível que é o ato da vontade estar inteligivelmente no inteligente assim como no princípio e no sujeito próprio. Donde, o Filósofo também usa deste modo de falar no livro *III Sobre a alma*: “que a vontade está na razão”. Ora, o que está inteligivelmente em algum inteligente, segue-se que seja entendido por ele. Donde, o ato da vontade ser entendido pelo intelecto, tanto na medida em que alguém percebe que quer como na medida em que alguém conhece a natureza deste ato, e por conseguinte, a natureza de seu princípio que é o hábito ou a potência.

**Comentário:** o ato da vontade segue a intelecção de uma forma, e o apetite natural é uma inclinação que segue a forma natural. A inclinação natural existe naturalmente na coisa natural, o apetite sensível existe sensivelmente no ente que

sente, e o ato da vontade existe inteligivelmente no ente que entende. Tudo o que existe inteligivelmente em algum ente inteligente é entendido por ele. Portanto, o ato da vontade é entendido pelo intelecto. Isso pode acontecer quando alguém percebe que quer, e quando alguém conhece a natureza desse ato, conhecendo assim o princípio desse ato, que é o hábito ou a potência.

## CONCLUSÃO

Para finalizar, eu gostaria de indicar algumas partes de livros que poderão ajudar a compreender a doutrina de Tomás de Aquino sobre como a alma humana conhece a si mesma. No livro de Robert Pasnau (*Thomas Aquinas on human nature: A philosophical study of Summa theologiae 1a 75-89*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002), pode-se ver o capítulo 11 ("Knowing the mind"). No livro de George Klubertanz (*The philosophy of human nature*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1953), pode-se ver o capítulo 8 ("The intellect"). E no livro de Robert Brennan (*Thomistic psychology: A philosophic analysis of the nature of man*. New York: The Macmillan Company, 1941), não há uma seção dedicada a esse assunto, mas pode-se ver o capítulo 7 ("The intellectual knowledge of man").

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *Suma de Teologia: Primeira Parte, Questões 84-89*. Tradução e introdução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Uberlândia: Edufu, 2016.

BRENNAN, Robert E. *Thomistic psychology: A philosophic analysis of the nature of man*. New York: The Macmillan Company, 1941.

KLUBERTANZ, George P. *The philosophy of human nature*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1953.

PASNAU, Robert. *Thomas Aquinas on human nature: A philosophical study of Summa theologiae 1a 75-89*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.